



“O trabalho do policial numa perspectiva sociológica”

Uma análise crítica do filme “Marcados para Morrer”

Este filme foi lançado nos cinemas no ano de 2012 e o grande diferencial é que o diretor retratou o trabalho policial de patrulheiros em Los Angeles, o dia a dia deste departamento de polícia, numa linguagem simples, mas muito verdadeira.

Assim, após análise das cenas, buscou-se compreender o trabalho policial, identificando e correlacionando com os teóricos da sociologia do trabalho, de forma a compreender os fenômenos sociais que passam esses policiais, enquanto trabalhadores e seres humanos, e tão expostos a riscos diários, riscos as vezes irreversíveis ou profundamente sequelantes.

Além, de uma análise sobre o confronto policial na tentativa de controlar a criminalidade local, através do combate ao tráfico de drogas entre duas gangues locais Corby side e Sangue, o que leva a conflitos de cunho pessoais e psicológicos, sensação de perda e impunidade, ocorridos na relação do trabalho policial.

Do enredo

Eu sou da polícia e estou aqui para te prender, você violou a lei. Não foi eu que fiz a lei, eu posso até discordar da lei, mas vou assegurá-la, nada o que você disser ou fizer vai me impedir de colocá-la numa jaula com barras de ferro. Se você fugir eu corro atrás; se me enfrentar, eu luto com você; se atirar em mim eu atiro de volta; pela lei eu não posso dar as costas. Não importa o quanto você peça, implore, suplique ou tente me convencer. Sou a consequência, a conta que não foi paga, sou o destino, com distintivo e arma. Atrás do meu distintivo tem um coração como o seu, eu sangro, eu penso, eu amo e também posso ser morto, e embora eu seja apenas um, tem milhares de irmãos e irmãs iguais a mim, eles vão arriscar a vida por mim e eu por eles. Montamos guardas juntos, uma tênue linha azul protegendo as presas dos predadores, os bons dos maus, nós somos a POLÍCIA. (Narração inicial do filme Marcados para morrer)

O filme “Marcados para morrer”, de estilo câmera na mão, retrata a experiência policial de um departamento de patrulheiros de Los Angeles. Através de um enredo simples, demonstra a realidade da ação policial americana vivida nas ocorrências de ruas, no dia a dia da corporação e nas rotinas de vida pessoal do policial, tem como personagens principais dois companheiros da corporação, Bryan Taylor e Mike Zavala, que dividem a mesma viatura, e patrulham a região de South Central, a mais perigosa, e onde ocorrem as disputas mais acirradas pelo controle do tráfico de drogas, de um lado existe a gangue tradicional negra, conhecida como “Sangue”, e de outro a gangue mexicana, “Corby side loucos”, oriunda da migração dos carteis de tráfico mexicanos, que tentam a todo custo se estabelecer em Los Angeles e dominar o mercado.



A primeira cena do filme retrata uma perseguição policial a um carro que trafega de forma suspeita, após percorrer várias ruas de South Central a polícia consegue bater no carro e pará-lo, momento em que começam as trocas de tiros entre os perseguidos e a polícia, que consegue matar todos os supostos criminosos, chegando outras viaturas no local, assim o autor já apresenta uma rotina do trabalho policial onde se escolhe matar ou morrer, matar por legítima defesa.

De imediato, nesta cena o diretor do filme se preocupa em trazer ao espectador uma das características do trabalho policial, a mais polêmica nos dias de hoje, que é o uso da força física na contenção dos conflitos, ou mais importante ainda, o uso gradual dessa força principalmente durante a execução das atividades de patrulhamento que ocorre no cotidiano da comunidade. Pelo que Bayley (2002, p. 117 e 119) salienta, “a única característica exclusiva da polícia é que ela está autorizada a usar a força física para regular as relações interpessoais nas comunidades” e em relação ao trabalho da polícia ele argumenta:

“Definir o que a polícia faz não é uma questão simples (...), o trabalho policial pode se referir, primeiro ao que a polícia é designada a fazer; segundo, a situação com as quais ela tem que lidar; terceiro, às ações que ela deve tomar ao lidar com as situações”.

No caso de Marcados para morrer, a designação do trabalho policial da narrativa do filme está voltada para a atividade de patrulhamento, da polícia de rua, assim serão demonstradas diversas situações e ocorrências em níveis distintos de complexidade, variando desde os conflitos de vizinhança até conflitos de tráfico e assassinatos brutais, o que obrigará os policiais Taylor e Zavala a tomar decisões imediatas e conforme o determinado em lei e ditames da corporação. Assim, em relação ao patrulhamento policial, Bayley (2002, p. 25) afirma que “é a atribuição designada para a maior parte dos policiais em todo mundo é o patrulhamento (...) é uma atividade multifacetada (...) nesse caso, a natureza do trabalho policial é revelada por aquilo com que ela tem de lidar”.

TELA CRÍTICA

Revista de Sociologia e Cinema



Já autores como Monet (2002) questionam se o trabalho policial pode ser visto como um ofício ou uma causa, e como um ofício jamais poderá ser visto sob a óptica da profissão, contendo todos os critérios inerentes a profissão como um “conjunto, codificado e transmissível através da formação profissional e da socialização dos agentes”. Como bem se observa, essa visão de Monet em relação ao trabalho policial está vencida, pois conceitos mais modernos de uma nova polícia, vislumbram aspectos de profissionalização, tal qual ressalta Batitucci (2011, p. 34) “o estabelecimento de uma missão de serviço público neutro, que propunha a redefinição do status profissional dos policiais, incorporando-os à administração pública local como servidores públicos”.

A cena seguinte se desenvolve no alojamento do departamento, com o personagem Taylor gravando sua própria cena e se apresentando: “*Eu sou Bryan Taylor, oficial classe II. Aqui é onde as forças do bem se preparam para lutar contra as forças do mal*”, apresenta seu parceiro, o oficial Mike Zavala, que fazem patrulha juntos na Avenida Newton, “*divisão mais durona da nossa polícia*”, apresenta seu armamento, o armário de seu parceiro e o seu; em seguida apresenta o oficial Van Hauser, oficial de nível III, que lhe adverte por estar fazendo filmagens e ameaça contar para os superiores. Esta cena demonstra um momento de descontração de Taylor e Zavala no alojamento do departamento, o que lhe possibilita um linguajar simples e rude, com uso de palavrões e muitos risos, os dois colocam as câmeras em suas fardas, e brincam de se filmarem.



Numa orientação cronológica, a próxima cena retrata o início do trabalho no departamento, onde todos os policiais estão reunidos numa espécie de mini auditório, onde recebem suas distribuições nas viaturas e as áreas de seu patrulhamento, mas antes irão ouvir as orientações do capitão, que inicia dando as boas vindas ao Zavala e Taylor, com as seguintes palavras:

O promotor liberou Zavala e Taylor do tiroteio do mês passado, acabou que se tornou um bom tiroteio, eu sei o que passaram, uma experiência desagradável ser tão investigado assim, mas lembrem-se de uma coisa, no trabalho de vocês atirar ainda é considerado homicídio, nunca é uma solução fácil, se fizerem a coisa certa protegerei sempre vocês. Façam a coisa errada ou me enganem e eu jogarei pessoalmente vocês debaixo de um ônibus!

Pelo que se percebe nas palavras do capitão, Zavala e Taylor foram afastados do serviço e sofreram investigação de suas atividades policiais durante a intervenção da cena inicial do filme, para averiguar possível excesso de sua conduta, uma provável apuração de responsabilidades ou falta de observância da lei. O que representaria o processo administrativo disciplinar e a atuação do Ministério Público enquanto fiscalizador do trabalho policial, a fim de garantir o uso gradual da força, o que reforça o caráter misto da atividade, ora militar ora administrativo, como bem coleciona Monet (2002, p. 16) “o termo polícia remete a um tipo particular de organização burocrática, que se inspira ao mesmo tempo na pirâmide das organizações militares e no recorte funcional das administrações públicas”.

Ademais, como bem menciona Giddens (2002, p. 43) “todos os estados incluem o monitoramento reflexivo dos aspectos da reprodução dos sistemas sociais subordinados ao seu domínio”. Assim, o controle das ações policiais não deixa de fazer parte do poder de controle do próprio Estado, o que é feito na figura do promotor militar que passa a representar o Estado enquanto fiscalizador e mantenedor do monopólio legítimo do Estado, a fim de equilibrar as forças repressoras sobre a sociedade.

Após o capitão se retirar da sala, o sargento passa a proferir orientações aos policiais, distribuindo-os em suas viaturas e áreas de cobertura, realizando de forma incisiva a cobrança dos policiais quanto aos registros de multas de trânsito, nos cadernos de multas, nesta cena pode-se bem observar a posição hierárquica existente dentro da polícia, com seus mandos, as cobranças das obrigações durante o trabalho e metas a serem cumpridas, bem característico do militarismo.

Esta cena realizada dentro da organização, desde a fala do capitão até o tratamento que o sargento dá aos policiais, descreve todo o sistema de controle da corporação, tanto o controle externo, que foi demonstrado a partir do exercício fiscalizador do promotor; até o controle interno, que é exercido pelos superiores hierárquicos. Em relação às formas de controle do trabalho policial, Bayley (2002) reconhece a existência do controle interno como mecanismos exercidos através “da medida do poder disciplinar detido pela organização, a proximidade da supervisão, a natureza dos processos disciplinares, a vitalidade da responsabilidade do colegiado e a socialização com retidão... e a própria polícia, dentro dos limites da lei, indica, demite, transfere, promove e disciplina seus funcionários”.

Em seguida os policiais são liberados e todos dirigem-se para suas viaturas, começando mais um dia de trabalho, no decorrer desta cena pode-se observar o tratamento que é dispensado entre os colegas policiais e destes para com os novatos, os quais são sempre menosprezados e motivos para chacotas.

Na viatura os dois parceiros, Zavala e Taylor seguem conversando sobre suas particularidades, Zavala exerce a função de motorista da viatura e fala o quanto encontrava-se cansado de estar em casa, em virtude do afastamento do cargo durante a investigação do tiroteio. Algumas posturas podem ser observadas durante a cena, em especial a tradicional postura adotada pelos policiais nas viaturas, qual seja, a de colocarem o braço para o lado de fora do carro, o que representa descuido e risco de lesão e acidentes no trabalho, uma postura que parece perpetrar também aqui no Brasil, a falta de percepção do trabalhador ao risco de sua conduta.

Assim os parceiros partem para a primeira ocorrência do dia, pois são avisados pelo rádio da viatura, que havia um homem bêbado agredindo um carteiro..., ao chegarem no local do incidente o dito homem negro, conhecido pelo nome de Mr. Tre, também se mantém exaltado e passa a desrespeitar e agredir os policiais, proferindo inúmeros xingamentos, se utilizando de palavras de baixo calão, e por fim desafiando o policial Zavala para a luta corporal, culminando em uma aposta ridícula, pois caso Mr. Tre perdesse a luta ele próprio se algemaria para que fosse levado na viatura. Zavala por sua vez, entra no jogo de Mr. Tre e parte para a luta corporal, enquanto Taylor apenas assiste e filma a triste cena de luta. Zavala ganha e entrega as algemas para Mr. Tre.

Já esta cena, aparentemente banal e desnecessária no filme, na verdade possui um aspecto sociológico importante, qual seja a forma como o policial, enquanto ser humano, cheio de orgulhos e vaidade, se sente instigado a medir forças corporais com seu inimigo, demonstra a sobreposição da razão à emoção, a fatal de domínio da emoção, se sobrepondo a função profissional de policial, ao dever de retidão, o que Norbert Elias (1994) chama de controle das emoções, das paixões, a civilização das formas de prazer e de sua violência imediata, assim sendo, o policial enquanto agente da sociedade, precisa ter maior controle de suas emoções frente as ações que seu trabalho exige.

Na cena seguinte demonstra a realidade existente entre as gangues rivais de Los Angeles, principalmente pelo fato da South Central ser uma região de periferia americana, marcada por altos índices de criminalidade, e onde existe uma acirrada disputa pela territorialidade do local, além de traços fortes de xenofobismo, tendo em vista que gangues mexicanas invadiram o local, pelo processo de imigração dos cartéis de tráfico. Neste sentido, a cena busca retratar o momento em que a gangue mexicana de nome “Corby side loucos” se articula em uma empreitada para assassinar componentes da gangue tradicional americana, composta de negros, denominada de “Sangue”, tudo com o único objetivo de monopolizar e dominar a venda de drogas no local.

Nesta cena, a motorista e articuladora da gangue conhecida como La la, enquanto dirige, apresenta sua gangue, e se intitulam como “deuses da rua”, após o ataque, onde descarregam suas armas contra a gangue de negros “Sangue”, na realidade, apenas conseguem atingir um único componente da gangue rival, muito embora se retiram do local, como se tivessem promovido uma extermínio racial. Ainda no carro, o líder da Corby side fala orgulhoso com um de seus parceiros, dizendo: “*agora tu és homem de verdade cara! É assim que a gente resolve!*” O que demonstra um claro sentimento de guerra, enaltecendo a maldade, a violência e o confronto. Em contrapartida, Mr. Tre, da gangue Sangue ao socorrer seu companheiro ferido e clamar por socorro, exclama “*a Corby side tá acabando com a gente, tá matando geral a Sangue*”.

Essas imagens não apenas mostram a luta entre as gangues, mas, sobretudo, a busca pelo poder, este denominado por Giddens (2002, p. 33) como sendo “a capacidade transformadora, a capacidade de intervir em um determinado cenário de eventos de forma a

alterá-los”, e nesta busca pelo poder que cresce a criminalidade local, e proporcionam a repressão por parte da polícia, representante do Estado.

Já no dia seguinte, durante suas rondas, os policiais Taylor e Zavala encontram o carro utilizado pela gangue Corby side para promover o ataque à gangue Sangue, trata-se de um carro roubado e que fora queimado, bem característico do modo de agir da gangue, encontram ainda munição de diversos de tipos de armas que foram utilizadas. Neste momento, chega a perícia para executar seu trabalho e vistoriar e analisar a cena do crime, o que observamos uma certa hostilidade no tratamento entre os peritos e os policiais, até mesmo confronto de competências profissionais, tendo em vista que os policiais já tocaram no carro e nas balas, o que compromete o estudo técnico pericial.

Aqui podemos verificar a clara divisão do trabalho existente entre a polícia que patrulha as ruas e que proporciona segurança durante a realização da perícia técnica, e a polícia responsável por periciar o local do crime, ambas atuando em conjunto e dependentes entre si no interesse da sociedade, o que segundo Caetano (2006) de acordo com a teoria da divisão de trabalho de Durkheim, os indivíduos estariam interligados a partir de sua função que seria interdependente, haja vista a necessidade da troca de serviços para o perfeito funcionamento do sistema social.

Ainda na cena de perícia, chega também a viatura do oficial Van Hauser, que pede para os policiais Taylor e Zavala deixarem o local e continuarem seus trabalhos de patrulhamento, pois ele assumiria a missão de acompanhar e promover a segurança da perícia. Porém, o relacionamento entre o Van Hauser e os dois oficiais parceiros, é sempre pouco cordial, demonstrando certo desconforto por parte de Hauser perante a conduta dos colegas de corporação, talvez pela postura proativa bem característica do trabalho deles. Após trocarem algumas desavenças e ironias, Van Hauser exclama em uma linguagem bem cotidiana e reveladora de muitos significados: *“Os bandidos te pegam de frente, o departamento te pega por trás, fiquem de olho!”*

Sem dúvida, que o filme “Marcados para morrer” além de retratar a vida cotidiana de policiais patrulheiros, traz em seu conteúdo um aspecto bem original, pois revela ao telespectador a realidade policial de maneira bem simples e verdadeira, inclusive na fala de

seus personagens, algumas vezes marcadas por gírias e palavras próprias da profissão. Tanto que ao advertir seus colegas de trabalho, Van Hauser deixa a mensagem de que a corporação é traiçoeira, e que o policial além de enfrentar os perigos advindos da rua, os quais se revelam de frente, e que podem ser mapeados e investigados pela inteligência policial, nesta profissão também existe o perigo do sistema, talvez a maior ameaça da vida policial, porque você não consegue identificar o inimigo de imediato, e uma vez o policial sendo considerado nocivo aos interesses do sistema, poderá ser subjulgado e colocado no ostracismo, ou até mesmo, sofrer punições com transferências para trabalhos ruins, sem prestígio, reforçando o entendimento de Goldstein (2003) de que os policiais em seu trabalho estão sujeitos a falsas acusações para garantir o interesse maior de terceiros.

Após deixarem o local os parceiros de trabalho seguem fazendo suas rondas, dentro da viatura mais uma cena que demonstra o laço de amizade que envolve a dupla de policiais, demonstrando que no ambiente de trabalho, ainda que de perigo e estresse é possível fazer amizades, o diretor do filme busca mais uma vez dar vida aos policiais e trazer ao público a consciência que o policial é um ser humano como outro qualquer, que tem uma vida pessoal, que muitas vezes fica em segundo plano diante da árdua missão que carregam, principalmente por serem consumidos pelo trabalho. Nesta cena Zavala tenta convencer Taylor da importância de formar uma família, de buscar envolvimento afetivos sólidos e duradouros.

No meio a conversa, mais um chamado pelo rádio, agora envolvendo crianças desaparecidas, ao se dirigirem para o local, uma casa de um casal negro, aparentemente drogado, a mãe abre a porta da casa aos policiais e de forma desesperada diz que seus filhos desapareceram desde a noite anterior, o homem que dormia no sofá, é acordado por Zavala, e está aparentemente drogado e bêbado, afirma que as crianças estão na casa da avó e aos policiais pelo mandado para entrarem na casa, o que demonstra que o cidadão é conhecedor de seus direitos, mas por estar tão drogado não se deu conta que a permissão para os policiais entrarem foi dada pela dona da casa e mãe das crianças desaparecidas.

A cena ainda ilustra a realidade como os policiais abordam os criminosos ou os menos favorecidos socialmente, o que pode ser percebido com a agressão física proferida ao negro, quando o policial empurra o rosto do homem contra o sofá e tenta sufocá-lo nas almofadas.

Após vistoriar a casa Taylor encontra as crianças trancadas no armário, elas estão amarradas e amordaçadas, então as liberta e a cena segue seu desfecho.



A ocorrência envolvendo as crianças provoca um conflito interno em Bryan Taylor, que passa a refletir sobre sua condição policial e os enfrentamentos do dia a dia, sendo os que violentam de alguma forma as crianças lhe provoca um sentimento de revolta e indignação, para extravasar esse sentimento de revolta e indignação, começa a ser exercitar, corre, pula e dar socos no ar, como forma de aliviar seu stress e impotência. Tal retrato, sem dúvida, reflete a vivência de qualquer policial, que mesmo acostumados com as brutalidades e violências grotescas, certamente, tem um lado humano que se sensibiliza e decepciona com as injustiças, o que irá refletir sensivelmente, na sua saúde enquanto trabalhador, vitimando-o, principalmente no aspecto psicológico.

Segundo Protásio (2011), as relações de poder que envolve o policial militar têm alcance imediato sobre o seu corpo, e suas desestruturações emocionais podem ocasionar surtos repentinos, capazes de torná-los dependentes de intervenções psiquiátricas, ante ao forte estresse e qualidade de trabalho precária.

Em outra ocorrência, durante o plantão noturno, a dupla irá atender uma reclamação de excesso de som em festa, tal festa ocorre na residência do chefe da gangue mexicana Corby side, conhecido pelo nome Big Evil, esse foi o primeiro encontro da dupla com a gangue de traficantes, mais um momento de tensão e exposição do policial frente ao inimigo, frente ao crime, pois se encontram no território do inimigo. A cena revela imagens de pura rivalidade, do confronto do bem contra o mal, ali a guerra estava sendo iniciada, e mais uma vez o filme aborda a vulnerabilidade da profissão, e o risco da atividade, em especial nas falas do policial

Taylor com o chefão Big Evil, e da traficante La la e da policial Orozco. Além de descrever o que acontece nestas festas, muita bebida, armas, drogas e sexo. Em contrapartida, as cenas das festas frequentadas pelos policiais ocorrem sempre em ambientes familiares, mais reservados e sem muita exposição, como o aniversário de 15 anos da sobrinha de Zavala, bem ao estilo mexicano.

A cena protagonizada por Big Evil e Taylor, La la e Orozco, evidencia a luta entre classes que Bourdieu (1989) denomina de poder simbólico, quando as classes ou facções cumprem sua função política de instrumento de imposição ou legitimação da dominação, que contribui para assegurar a dominação de uma classe sobre a outra.

Neste sentido, a construção da violência simbólica ficou mais evidente depois do confronto olho no olho de Taylor e Big Evil, pois nasceu no policial o instinto de investigar os negócios do traficante, de forma extra oficial, tanto que juntamente com seu parceiro de viatura, ficam na espreita do inimigo, e passam a vigiar a casa da mãe do Big Evil, observando o movimento de uma pick-up que vai aparentemente buscar refeição, em seguida, procuram um motivo para interceptar o veículo, se utilizando da desculpa de um CD no retrovisor do carro que seria irregular, abordam o motorista, que reage com tiro em Zavala, porém não é atingido. Taylor então chama reforço policial, e logo chegam até o local, outras viaturas, e um helicóptero faz a cobertura aérea, o que surpreende o telespectador ante a rapidez com que o reforço chega.

Essa dinâmica no desenvolvimento do trabalho policial segundo Batitucci (2011) se deve a introdução de maquinários no aparato policial que possibilitou maior mobilidade, como o automóvel e o helicóptero visualizados nas cenas, assim como a utilização de rádio, aumentando a comunicação do policial com as centrais de atendimentos.

Outro detalhe que chama atenção são os achados durante a vistoria ao veículo, uma grande soma em dinheiro transportado dentro da panela de sopa, drogas e armas pesadas, o que Taylor chama de “*os três grupos alimentares: droga, dinheiro e arma*”. Posteriormente, o autor aborda o ambiente interno dos departamentos, o trabalho burocratizado do policial, o que Taylor ironicamente chama de “*o sangue da corporação – a papelada*”, demonstrando que o trabalho policial não está resumido apenas às patrulhas nas ruas, mas há a necessidade de

documentar as ocorrências, para ter respaldo de suas ações, assim como o registro de todo material apreendido durante a ocorrência, sob a supervisão do capitão que averigua o armamento.

A preocupação do diretor do filme em demonstrar que o trabalho do policial não está voltado apenas à patrulha nas ruas, mas à existência do trabalho administrativo burocrático, tão importante para a profissionalização do policial, que passa a não mais ser visto como um simples ofício, mas como uma nova profissão, como bem assevera Batitucci (2011, p. 69) “os movimentos de reforma administrativa de certa forma definiram os rumos do processo de profissionalização, graças à burocratização das polícias, que passa a ter regras e procedimentos internos, manuais operacionais e aspectos relacionados ao trabalho”.

Durante uma ronda noturna, os dois parceiros, bastante cansados, mantêm-se no trabalho a base de café e energético, como bem enfatiza Zavala “*já tomei nove energéticos*” o que reforça a fadiga e o cansaço do trabalho policial, que age como verdadeira máquina, sem muitos horários e descanso, mais uma vez o autor chama atenção para a falta de qualidade de vida e de trabalho. O trabalhador como vítima da força do capitalismo que segundo Antunes (2009, p. 49) “o trabalhador decai em uma mercadoria, torna-se um ser estranho, não se satisfaz no trabalho, mas se degrada, não se reconhece, mas se desumaniza”.

O filme não poderia deixar de conter uma cena heroica, onde o policial Zavala deixa suas emoções falarem mais alto. Durante a patrulha pelas ruas, avistam uma casa em chamas, Taylor aciona socorro pelo rádio, e ao chegarem no local, eles encontram a dona da casa desesperada porque seus filhos estão lá dentro, então Zavala adentra no imóvel, mesmo após Taylor pedir para aguardar os bombeiros. Tal atitude põe em risco sua vida e a vida do amigo Taylor, que nutrido pelo sentimento de companheirismo se arrisca junto com o amigo para salvar as duas crianças.

Na corporação, os amigos e companheiros de viatura Zavala e Taylor recebem aplausos, merecimentos e honrarias pelas suas ações altruístas no atendimento às crianças do incêndio, o que nos remete a prática comum nas policiais, a valorização dos profissionais que se destacam na corporação, que conseguem ascender na carreira galgando cargos de patentes superiores por critérios de antiguidade ou por merecimento, o que para Bayley (2002)

essas homenagens ainda representam uma forma do Estado e da Corporação exercerem um controle interno sobre os policiais, estando entre os mecanismos indiretos desses controles as “recompensas tais como promoções e aumentos de salário podem ser dadas automaticamente ou em reconhecimento a um desempenho superior.”



Ocorre que assim como na vida real, nem sempre as ações altruístas e as homenagens e honrarias dadas pela corporação refletem o sentimento do policial com a satisfação no trabalho, algumas vezes pelo sentimento de impotência e injustiça frente à criminalidade violenta. Isto pode ser bem demonstrado a partir do encontro dos parceiros na loja de conveniência, através do diálogo, que Taylor abre com Zavala questionando-o como se sente um herói? Você se sente um herói? Falam das críticas feitas por suas mulheres, pois poderiam ter morrido para salvar os filhos dos outros, mas sequer viram seus filhos nascerem ainda.

Tal reflexão traz a baila outra realidade, quantas vezes na execução do trabalho policial esses profissionais arriscam suas vidas em prol da vida alheia, dos filhos e pais de família, em detrimento a sua própria vida. Na luta contra o crime e na representação do Estado colocam em risco suas famílias, e perdem sua identidade e liberdade, pois não podem usufruir do direito de ir e vir livremente como qualquer outro cidadão.

Apesar de ter compartilhado por parceria da atitude heroica do amigo, Taylor tem a plena consciência que aquela não fora a escolha certa e razoável, e deixa bem claro ao afirmar que não quer entrar em outra casa em chamas, e que apenas o fez pelo amigo.

Se de um lado Elias (1994) retrata essas atitudes heroicas decorrentes de um processo civilizador, onde haveria o controle pelo homem de suas paixões e emoções, Oliveira (2010)

afirma que essas emoções irão decorrer da própria condição humana, que não estarão dissociadas do trabalhador na execução de seu labor, pois ele é visto por Marx como um ser de carências, desejos e necessidades, que irão servir de força propulsora para a consecução de suas realizações. O que no caso específico do trabalho policial, o instinto de luta contra o bem e o mal, e o serviço em função da sociedade, lhe impõe condição pessoal de atitudes heroicas.

No entanto, Taylor está sendo impulsionado por outra emoção que o domina, a emoção de fazer justiça, da luta contra o crime, do bem contra o mal, ele não sabe, mas sua inquietação é tão ou mais perigosa que entrar em uma casa em chamas. Agora sai de seu papel de patrulheiro e é dominado pelo sentimento de investigador. Taylor passou a investigar a vida do cowboy que apreenderam saindo da casa da mãe de Big Evil, fez um levantamento na companhia telefônica para descobrir seu endereço, e excita o amigo a embarcar nesta investigação.

E juntos vão até a casa do cowboy, revistam os lixos, onde encontram indícios de irregularidades e já chamam apoio policial; não conformados, e sem terem recebido qualquer notificação para a área, arrombam a porta, prendem o morador e na vistoria da casa encontram várias pessoas presas em um quarto, entre homens, mulheres e crianças. Taylor e Zavala começam a ficar mais envolvidos com o mundo do crime, suas curiosidades excederam a competência profissional, pois adentraram na competência e investigação de outras polícias especializadas, a polícia federal. Sem perceber, seus faros e instintos policiais colocaram-os frente a frente com o tráfico humano, e são duramente advertidos pelos agentes federais *“você fizeram merda, acabei de perder um suspeito por causa de vocês... você e seu amigo devem baixar a bola, porque acabaram de mexer com o rabo da cobra que vai se virar e picar vocês”*.

Nesse confronto de competências, o diretor traz a realidade já descrita por Marx (1996) a da divisão ou especialização do trabalho, para ele “a produtividade do trabalho depende não só da virtuosidade do trabalhador, mas também da perfeição de suas ferramentas”, onde cada instrumento apenas será utilmente eficaz e produtivo nas mãos do trabalhador especializado para desenvolver aquela atividade, tal como na propriedade e no capitalismo, nas organizações

policiais também, existe a especificação e distribuição de competências para que no todo o sistema possa funcionar e o Estado possa exercer seu poder controlador.

Em meio à trama de violência e investigação policial, nasce o filho de Zavala, mais um recorte da vida pessoal do policial, que quase não tem tempo para a família, e logo já está nas ruas fazendo patrulha, tão feliz pela chegada de seu filho começa a contar para o amigo Taylor quando conheceu sua mulher, o casamento e quando decidiu virar policial. Aqui o autor deixa uma crítica comum dos cidadãos em relação à profissão policial, até mesmo maldosa e preconceituosa, quando reproduz o seguinte pensamento:

eu era maconheiro e trabalhava na loja do meu tio, ela me segurou um dia e disse: a gente vai se casar e você vai entrar para a polícia, só assim vai ganhar dinheiro sem diploma... ai eu disse beleza.

Essa expressão representa a alienação do policial em relação a sua profissão e o estigma da população, por acreditar que o policial é o ser que não conseguiu galgar nenhuma outra profissional, e na falta de opção entrou para a corporação, como se o indivíduo não tivesse vocação e habilidade para desenvolver tal serviço.

Esta cena retrata ainda a precarização do trabalho, uma vez que Zavala diante das inseguranças do mercado de trabalho e de sua baixa qualificação, buscou na atuação policial a única forma de garantir uma estabilidade e fonte de renda, ou seja, foi a alternativa que encontrou para deixar de compor a fila dos supranumerários, tendo em vista que segundo Antunes (2009, p. 52) é uma tendência no mundo do trabalho “a crescente exclusão dos jovens, que atingiram a idade de ingresso no mercado de trabalho e que, sem perspectiva de emprego, acabam muitas vezes engrossando as fileiras dos trabalhos precários, dos desempregados, sem perspectivas de trabalho, dada a vigência da sociedade do desemprego estrutural.”

Após esse momento de descontração entre os amigos na viatura, são acionados para um atendimento, desta vez envolvendo outros policiais do departamento, aqui se destaca mais uma vez o aparato policial para localização das ocorrências, a comunicação por rádio e gps, que possibilita o atendimento imediato e a pronta intervenção, visto que sua colega apelidada por toda equipe por “Novata”, encontra-se em perigo imediato e não sabe precisar sua localização.

Uma cena trágica para qualquer policial, pois ao chegarem no local encontram o oficial Van Hauser machucado com uma faca introduzida em seu olho direito, e a “Novata” está nas mãos do bandido, que a espanca impiedosamente até que a dupla chega para prendê-lo.

Esta cena é muito reveladora e rica em detalhes de conflitos policiais, primeiro é o risco do trabalho, o risco de pagar com a própria vida pelo exercício do poder legal, repressor do Estado, descrito quando em uma diligência frustrada o policial Van Hauser é atingido com uma faca pelo criminoso, o que lhe trará consequências sequelantes para o resto da vida, assim como para a “Novata” que foi duramente espancada até ficar desacordada e ter seu rosto desfigurado.

O segundo aspecto, retratado é justamente a questão da força feminina policial, quando o autor confronta dois perfis distintos, de um lado a “Novata”, sem muita força e espírito de luta para atuar nos serviços de rua, talvez com mais perfil para serviços administrativos, e de outro a policial Orozco que apesar de mulher, tem a dureza, firmeza e destemor frente ao perigo. Aqui observamos o que Antunes (2009, p. 52) denomina de nova morfologia do trabalho com tendências crescentes a atuação das mulheres no mercado de trabalho, a partir da venda de sua força de trabalho, “há um significativo do trabalho feminino em diversos países avançados e também na América Latina, onde também foi expressivo o processo de feminização do trabalho”.

O terceiro aspecto é o sentimento de amor e vida que alguns policiais sentem pela profissão, corporação e uniforme, é a paixão, emoção, o espírito guerreiro que se sobrepõe a pessoa ao particular, no momento em que o oficial Van Hauser está sendo socorrido na ambulância e passa a reclamar porque os paramédicos cortaram seu uniforme, o que foi necessário para o pronto atendimento, e exclama insistentemente, “*cortaram meu uniforme! Cortaram meu uniforme. Meu Deus que merda*”, ou seja, na atual circunstância em que se encontra, não consegue mensurar a gravidade de sua lesão, o que certamente lhe colocará mais cedo para a reserva.

Neste caso denota-se o que Marx (1996) classificou como alienação do trabalho, “processo por meio do qual a essência humana dos operários se objetivava nos produtos do seu trabalho e se contrapunha a eles por serem produtos alienados e convertidos em capital”,

assim a alienação se caracteriza justamente quando o capitão Van Hauser perde a dimensão sobre si mesmo e sobre o risco de sua saúde para se preocupar com seu instrumento simbólico do trabalho, qual seja, o seu uniforme, a corporação a que faz parte, anula-se a si mesmo em detrimento do corporativismo, entendido aqui como o produto de seu trabalho.

Por fim, o último aspecto visualizado, é a conversa entre os policiais, Zavala, Taylor e o sargento Sarge, este pergunta a Taylor o porquê de não ter atirado no criminoso, “*podia ter matado ele*”, e o policial responde “*Eu não estava a fim de matar ninguém*”. Então o sargento questiona se Taylor vai escrever isso na papelada, ou seja, no seu relatório de ocorrências, e aconselha aos policiais que olhem todos os relatórios antes de escrevem os seus, pois como diz: “*É melhor os relatórios baterem*”. Assim o sargento dá indícios ao espectador do desfecho do criminoso, que certamente foi morto pela polícia, assim como esta cena demonstra o sentimento de “lealdade” e vingança entre os policiais, que muito provavelmente fizeram justiça com as próprias mãos, a sobreposição da emoção à lei e à justiça.

Um fiel retrato do que os policiais chamam de “Cortina Azul” denominação dada a prática existente entre os policiais de não testemunharem determinados atos contra seus colegas da corporação. Goldstein (2003, p. 212) aponta fatores que contribuem para a cortina azul:

Os policiais se veem como membros de um grupo alinhado contra inimigos comuns; policiais são muito dependentes um do outro para ajuda em situações difíceis; os policiais são vulneráveis a falsas acusações; policiais são tão atentos quanto seus administradores em relação à disparidade entre políticas formais e práticas reais; um policial tem mobilidade ocupacional.

Novamente mesclando cenas da rotina de trabalho policial com cenas de sua vida pessoal, contrabalanceando as perdas e os ganhos, a forma como o trabalhador tem que saber lidar com a vida e suas mazelas, contudo viver e buscar sua felicidade mesmo diante das adversidades, o autor coloca no filme cenas do casamento de Taylor com Janet, uma festa em família e entre amigos, amigos da corporação. Reforçando a ideia do policial como irmão, parceiro, o espírito policial, especialmente quando Zavala declara para Taylor que ele é seu irmão de fé, que se acontecer-lhe algo, cuidará de sua família, ou seja, a consciência do policial frente a efemeridade da vida e os riscos da profissão.

Não obstante, ainda no casamento, pode-se ver o desabafo que o sargento Sarge experiente faz perante os jovens cadetes, após algumas doses de uísque, conta uma experiência vivida com seu parceiro de trabalho, Garcia, que levou um tiro ao colocar-se a sua frente durante uma troca de tiros com bandidos, e exclama: “*droga de vida! Ele era bom e eu era um merda!*” Aqui mais um relato de quem cansou da vida de policial, dos riscos e fatalidades da profissão, e que às vezes, em seu interior carrega a culpa, mesmo sem ter, por algo não ter saído tal qual foi planejado. O que refletirá na saúde psíquica e emocional do trabalhador, gerando doenças ocupacionais como estresse, depressão, e algumas vezes afastamento do trabalho.

Seguindo-se o enredo, passado a festa, à volta ao trabalho. Taylor e Zavala são acionados para mais uma intercorrência, agora a denúncia de uma filha que teve sua mãe, já idosa, desaparecida por alguns dias. Os policiais dirigem ao local, a casa está trancada sendo necessário arrombar, mas antes ressaltam que possuem autorização da filha da vítima para fazê-lo, e para surpresa deles encontram a idosa morta, esquartejada em um saco plástico, além de drogas e outros corpos. E na parede da casa, a escritura “continuem mandando eles”, como se fosse algo premeditado, ou como se alguém estivesse atraindo esses dois policiais para uma emboscada.

Em meio a ronda encontram Mr. Tre que lhes adverte para terem cuidado, pois soube, através do seu povo que acabou de sair da prisão, que criminosos estariam em busca dos policiais, estes por sua vez ironizam, dizendo que existe muita gente querendo matá-los, reforçando o pensamento que matar ou morrer é uma questão de tempo, e que nesta profissão constrói-se muitos inimigos.

E realmente, eles não sabem, mas estão sendo alvo da gangue Corby side, que os seguem, e articulam um plano para assassiná-los, o que estariam dispostos a fazer ainda naquela ocasião, mas desistem e optam por traçar um plano com menor risco de falhas.

Novamente, em mais uma ronda noturna, os dois amigos trocam conversas pessoais, Taylor conta a novidade da gravidez de sua mulher Janet, e abre espaço para Zavala divagar sobre o quão bom seria se seus filhos fossem também policiais, e Taylor retruca “Deus me livre!” Reforçando a lógica do melhor para os filhos, e o melhor não é a vida de policial. Em

meio a risadas e descontrações, são atraídos por um carro, disparando em perseguição, o motorista entra em um prédio e os policiais correm atrás, e ao entrarem são alvejados por balas disparadas pelos componentes da gangue Corby side, escondem-se em um apartamento de uma mulher mexicana, seus rádios perdem o sinal, ficam sem comunicação com a polícia, mas conseguem pedir socorro através do telefone da moradora, conseguem sair da mira dos traficantes e saem em fuga, correm em busca de achar a saída para a rua, e quando estão próximos avistam um carro que pensam ser da polícia, mas na verdade é da gangue.

Após troca de tiros Taylor é baleado e seu amigo Zavala tenta socorrer e trocam afetividade e despedidas, Taylor desfalece e Zavala se desespera, a gangue chega e assassina cruelmente Zavala, e em tom de ironia e vitória a traficante La la *exclama* “*xequete mate! Pegamos vocês, esse é o final feliz!*” Então surpreendentemente a polícia chega, trocam tiros e a gangue é exterminada. Os policiais chamam ambulância para socorrer os amigos.

Por fim, a cena do cortejo fúnebre, Taylor conseguiu sobreviver, mas perdeu seu grande amigo, irmão e parceiro Zavala, que deixou sua mulher viúva e um filho ainda bebê. Uma cena repleta de dor e sofrimento, carregada de emoção, onde toda a corporação está reunida para a despedida do policial. Nesse desfecho, o ator enfatiza a narrativa inicial do filme:

Atrás do meu distintivo tem um coração como o seu, eu sangro, eu penso, eu amo e também posso ser morto, e embora eu seja apenas um, tem milhares de irmãos e irmãs iguais a mim, eles vão arriscar a vida por mim e eu por eles. Montamos guardas juntos, uma tênue linha azul protegendo as presas dos predadores, os bons dos maus, nós somos a POLÍCIA.

Essa tênue linha azul da narrativa do filme segundo Monet (2002, p. 129) é uma expressão muito comum entre as polícias dos Estados Unidos que costumam se denominar como “delgada linha azul” – *the thin blue line* – que separa a civilização da barbárie. No limite os policiais se veem como missionários, encarregados de reconduzir ao bom caminho os pecadores transviados e evitar às pessoas “honestas e respeitáveis” entrar no caminho fácil que conduz ao vício e à perdição.”

CONCLUSÃO

O enredo contagiante do filme pode ser atribuído pela abordagem de uma realidade policial bem cotidiana e voltada para o atendimento da comunidade, com ações simples que vai desde o atendimento de uma briga de um morador com o carteiro, até cenas de tráfico humano e assassinatos, sem esquecer-se de demonstrar o policial enquanto ser humano, pessoa, que possui vida social, sonhos, projetos e conflitos.

Ficou bem evidente o tratamento dispensado pela corporação aos policiais, as cobranças e obrigações a que estão sujeitos, diante da relação de poder que se constitui entre os comandos e os comandados, além do forte laço de companheirismo que se forma entre os policiais.

O espírito da corporação que é narrado no início do filme:

Atrás do meu distintivo tem um coração como o seu, eu sangro, eu penso, eu amo e também posso ser morto, e embora eu seja apenas um, tem milhares de irmãos e irmãs iguais a mim, eles vão arriscar a vida por mim e eu por eles.

Esta ganha o ponto máximo quando demonstra a vulnerabilidade e efemeridade da vida do policial que muitas vezes sai de casa sem saber se irá retornar vivo, assim como, o fato de ser uma corporação, onde existem muitos outros que irão proteger-se mutuamente.

Referências

ANTUNES, Ricardo. O trabalho, sua nova morfologia e a era da precarização estrutural. Disponível em <http://www.revista-theomai.unq.edu.ar/numero19/ArtAntunes.pdf>. Acessado em 12 jun 2014.

BAYLEY, David H. **Padrões de policiamento: Uma nova análise internacional comparativa**. 2 ed. São Paulo: editora da Universidade de São Paulo, 2002.

BATITUCCI, Eduardo Cerqueira. **A polícia em transição: O modelo profissional-burocrático de policiamento e hipóteses sobre os limites da profissionalização das polícias brasileiras**. Dilemas. v. 4, n. 1, Jan-Fev-Mar, 2011



BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1989.

CAETANO, Erika de Cassia. **A divisão do trabalho: uma análise comparativa das teorias de Karl Marx e Emile Durkheim**. Disponível em <www.pucminas.br/.../DOC_DSC_ARQUI20060410095823.pdf>. Acesso em 08/04/2014.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador: uma história dos costumes**. Vol. I. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1994

GIDDENS, Anthony. **O Estado- Nação e a Violência: segundo volume de uma crítica contemporânea ao materialismo histórico**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

GOLDSTEIN, Herman. **Policiando uma sociedade livre**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

MARX, Karl. **O capital – crítica da economia política**. Vol. I. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1996.

MONET, Jean Claude. **Polícias e sociedade na Europa**. 2 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.

OLIVEIRA, Renato. A concepção de trabalho na filosofia do jovem Marx e suas implicações antropológicas. Disponível em <http://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/Kinesis/6_RenatoAlmeidadeOliveira.pdf> Acesso em 11/06/2014.

PROTÁSIO, Isabella. **Saúde mental do trabalhador policial militar da radiopatrulha. V Colóquio Internacional “educação e contemporaneidade”**. Sergipe: 2011. Acesso em <www.educonufs.com.br/.../Microsoft%20Word%20-%20SAUDE%20ME>. Acesso em 08/04/2014.

Angélica Varela de Lima

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Defesa Social e Mediação de Conflitos – UFPA, Graduada em Direito e Fisioterapia

Fernanda Valli Nummer

Socióloga, Dra. em Antropologia Social, Professora do Programa de Pós-Graduação em Defesa Social e Mediação de Conflitos – UFPA